

Revolução grisalha: libertação e midiatização

Revolution Gray: liberation and mediatization

Revolución Gris: liberación y mediatización

Bárbara Santos AIRES¹
Andrea LOPES²

Resumo

Na contemporaneidade, surge e ganha visibilidade um movimento social feminino, de abrangência internacional, denominado revolução grisalha. Nele, mulheres de diversas idades estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos. O objetivo da pesquisa foi realizar uma revisão narrativa, a fim de caracterizar, discutir e documentar a produção a respeito da temática. A seleção do material foi feita no ano de 2021 utilizando-se os termos “revolução grisalha”, “cabelo branco”, “cabelo grisalho” e “poder grisalho”, tanto no português como no inglês. Foram consultadas fontes primárias e secundárias. A análise do material levantado indicou uma tensão entre os discursos de libertação dos padrões de beleza normativos e a midiatização do movimento como tendência de moda, que representa e reproduz perfis femininos tradicionalmente cultuados.

Palavras-chave: Revolução Grisalha; Aparência; Cabelo Branco e Grisalho; Mídias e Redes Sociais.

Abstract

In contemporary times, a women's social movement, of international scope, called the revolution gray, appears and gains visibility. In it, women of different ages are taking on white and gray hair. The objective of the research was to carry out a narrative review

¹ Consultora de Imagem, Estilo e Cor. Bacharel e mestranda em Têxtil e Moda, ambos os cursos pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). E-mail: barbara.aires@usp.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1820-8734>

² Antropóloga, Docente das Graduações e Pós-Graduações de Gerontologia e de Têxtil e Moda da Universidade de São Paulo, coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS), site www.each.usp.br/grupoeaps. E-mail: andrealopes@usp.br
Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-7680-8618h>



in order to characterize, discuss and document the production on the subject. The selection of the material was made in the year 2021 using the terms “revolution gray”, “white hair”, “gray hair” and “gray power”, both in Portuguese and English. Primary and secondary sources were consulted. The analysis of the material collected indicated a tension between the discourses of liberation from normative beauty standards and the mediatization of the movement as a fashion trend, which represents and reproduces traditionally worshiped female profiles.

Keywords: Revolution Gray; Appearance; White and Gray Hair; Media and Social Networks.

Resumen

En la época contemporánea, aparece y gana visibilidad un movimiento social de mujeres, de alcance internacional, llamado la revolución gris. En él, mujeres de distintas edades van luciendo canas y gris. El objetivo de la investigación fue realizar una revisión narrativa con el fin de caracterizar, discutir y documentar la producción sobre el tema. La selección del material se realizó en el año 2021 utilizando los términos “revolución gris”, “pelo blanco”, “pelo gris” y “poder gris”, tanto en portugués como en inglés. Se consultaron fuentes primarias y secundarias. El análisis del material recolectado indicó una tensión entre los discursos de liberación de los estándares normativos de belleza y la mediatización del movimiento como tendencia de moda, que representa y reproduce perfiles femeninos tradicionalmente venerados.

Palabras clave: Revolución Gris, Apariencia; Pelo Blanco y Gris; Medios y Redes Sociales.

Introdução

Com o processo de envelhecimento, de natureza biopsicosociocultural e que ocorre ao longo da vida, as características físicas, parte dos aspectos constituintes da construção da aparência, vão se modificando. Segundo Neves (2016), os signos associados à velhice, como as rugas e os cabelos brancos, tradicionalmente são entendidos como uma desgraça a ser evitada, pois remetem à noção de decadência física e debilidade. Em razão dessa compreensão, ao surgirem os primeiros fios de cabelo branco, algumas mulheres passam a arrancá-los ou tingi-los, a fim de manterem sua apresentação pessoal e social vinculadas aos padrões e estereótipos vigentes.

Os padrões de beleza, também socialmente construídos e que imperam sobremaneira nos corpos das mulheres, estão ligados ao mito da eterna juventude. Por sua vez, este organiza-se igualmente de forma idealizada em torno do corpo jovem, esbelto e firme (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Tais padrões incluem os cabelos, que são parte integrante da trajetória de vida dos corpos humanos e elemento presente na



construção da aparência e seus significados. Os cabelos também são parte constituinte das identidades, seja dos indivíduos, seja dos coletivos, em determinadas culturas e períodos históricos (QUINTÃO, 2013; MOURA, 2007).

Neste sentido, no cenário contemporâneo surge um movimento internacional denominado revolução grisalha, liderado por mulheres de todas as idades, famosas ou anônimas, que estão adotando os cabelos brancos e grisalhos. Ao longo do isolamento recomendado no combate à pandemia por Covid-19 e as novas formas de vida cotidiana, o ato de adotar os cabelos brancos e grisalhos vem cercado pela construção e divulgação organizada de um discurso de naturalização do envelhecimento e da aparência dos cabelos entendido como positivo, especialmente nas diversas mídias. Na fala de muitas mulheres presentes em redes sociais, integrantes e apoiadoras da iniciativa, ao invés do verbo adotar usa-se assumir, não apenas os cabelos brancos, mas também uma nova condição feminina, mediada pela construção da aparência. O cotidiano processando novas linguagens e narrativa (STECANELA, 2009).

Por se tratar de um tema recente e original, verificou-se que a produção científica é muito escassa, sem a existência de dados robustos. O debate ainda está centrado na internet, redes sociais, publicidade e propaganda, jornalismo de moda, programas televisivos e nas publicações produzidas pelas próprias engajadas no movimento. Por meio desses veículos de comunicação, de maior ou menor alcance, observa-se um franco processo de educação informal sobre a revolução grisalha, que populariza novas formas de apresentação pessoal e coletiva em torno da temática do envelhecimento. Nesse universo, o movimento vem se expandindo inclusive entre diversas indústrias de moda e correlatas.

Em estudo de revisão sobre as mídias como agentes de educação informal no envelhecimento, Yokomizo e Lopes (2018) apontam a centralidade das diversas mídias na produção levantada. As autoras indicam que a educação informal constitui mecanismo social espontâneo, fruto das relações cotidianas ao longo da vida realizadas na comunidade, no lazer, no trabalho, na família, entre amigos. Nesse tipo de educação cotidiana, a interação ensino e aprendizagem não é consciente, padronizada, nem necessariamente regular (DIB, 1988; GASPAR, 2002).

Considerando tal cenário social contemporâneo, realizou-se uma revisão narrativa, buscando realizar uma primeira aproximação do assunto. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa trata de um método amplo de busca de informações, não



necessariamente sistemático. Trata-se de uma forma metodológica apropriada para levantar, descrever ou discutir o desenvolvimento de um determinado assunto pouco conhecido, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Ainda, segundo a autora, as revisões narrativas não necessariamente “informam as fontes de informação utilizadas, a metodologia para busca de referências, nem os critérios utilizados na avaliação e seleção dos trabalhos” (ROTHER, 2007, p. 1).

Neste contexto, a seleção do material foi feita entre os dias 15/06 e 13/09 de 2021 utilizando-se os termos “revolução grisalha”, “cabelo branco”, “cabelo grisalho” e “poder grisalho”, tanto no português como no inglês. Foram selecionados, de forma aleatória e espontânea, os conteúdos que abordassem o assunto referentes a adoção de cabelos brancos e grisalhos por mulheres e a revolução grisalha.

As buscas ocorreram no Google; Google Acadêmico; nos sites comerciais de literatura da livraria Cultura e Amazon; bem como nas redes sociais YouTube, Instagram e Facebook; esta última principalmente em comunidades destinadas às mulheres que adotam os cabelos brancos e grisalhos. O uso de fontes públicas generalistas, comunitárias e de fácil acesso visou entender o alcance popular não especialista da temática. Obteve-se conteúdos que foram localizados em livros, documentários, artigo científico, reportagens, revistas de moda, entrevistas, redes sociais, publicidade, sites e postagens diversas.

Dessa forma, o objetivo da revisão narrativa foi caracterizar, discutir e documentar o movimento revolução grisalha na atualidade. Ainda, a partir do material selecionado, buscou-se organizar reflexões e questões de pesquisa visando contribuir e estimular o delineamento de pesquisas mais robustas nos campos da comunicação, moda e gerontologia.

Envelhecimento e cabelo branco

O envelhecimento é um processo universal e, ao mesmo tempo, heterogêneo (NERI, 2013). Segundo Phillipson e Walker (1986, apud NEVES, 2020), o envelhecimento constitui-se como um processo igualmente dinâmico. Nesse sentido, suas características são fruto, inclusive, de processos socioculturais e históricos. Elas estão inseridas e constituem práticas cotidianas, coletivas, individuais, além de estruturas comunicacionais e discursivas. Por isso, o envelhecimento é cada vez mais



entendido como o produto de uma complexa interação entre fatores orgânicos, psíquicos, emocionais e socioculturais.

Dado ao seu dinamismo e multideterminação, durante o processo de envelhecimento humano o cabelo se transforma. Para Mauss (1934), os cabelos passam por diversas fases ao longo da vida de uma pessoa, seja de ordem biológica ou cultural. Ao representar a moldura do rosto, o cabelo torna-se um elemento constituinte da identidade individual e coletiva (FIALHO; MIRANDA, 2021). Pode variar de acordo com o papel desempenhado pelo indivíduo em uma determinada sociedade ou grupo (MIRANDA; FIALHO, 2017). Sendo assim, o cabelo é um componente da aparência facilmente passível de intervenção cultural, de ser modificado conforme um conjunto de crenças, valores, punições e expectativas de uma época e grupo cultural.

Culturalmente, intervir na ordem natural dos cabelos trata-se de uma forma de subjetivar, apropriar-se da própria aparência e transformá-la, para que ela se torne um elemento de comunicação identitária. Nesse âmbito, dinamismo e heterogeneidade humana se complementam. Desta forma, surgem novas identidades, novas formas de se reconhecer e de interagir com o mundo (FIALHO; MIRANDA, 2021). Ao mesmo tempo, deixar de manipular o cabelo por meio do tingimento, por exemplo, pode também ser visto como uma maneira de apropriação simbólica da aparência em termos do estabelecimento de uma relação direta com os sinais do processo orgânico do envelhecimento, como o embranquecimento dos cabelos.

Para Patrícia Catarina, mestre em gerontologia social, em matéria de Bessas (2020), a dificuldade em aceitar o envelhecimento e os seus sinais está diretamente relacionada à ausência de uma estética da beleza no envelhecimento. Segundo Patrícia, somos estimulados a seguir a estética da juventude de forma que a ruga e o cabelo branco, entendidos como principais componentes de identificação de uma pessoa mais velha, se tornem elementos a serem rejeitados. Para Hita (2005) a beleza e a velhice são vistas como inconciliáveis, antagônicas. Por essa perspectiva, perceber o passar dos anos e os entendidos negativamente como sinais de envelhecimento podem afetar a autoestima, conforme Salinete (2018). Nessa configuração social, entende-se que a aparência não está mais de acordo com os padrões estéticos sociais de beleza esperados e, muitas vezes, desejados, causando transtornos aos sujeitos.

De acordo com Yokomizo e Lopes (2019, p. 291), ainda nos tempos atuais, “em diversas culturas, a juventude é entendida como um valor, que deve ser conquistado e



mantido através de formas de consumo e em qualquer idade, principalmente pelas mulheres”. Sendo assim, deixar de fomentar a indústria do consumo idealizado e do mito da beleza repressor da heterogeneidade das experiências de envelhecer voltado ao alcance da juventude eterna, acaba sendo entendido e defendido por seu oposto, como uma forma de libertação e autenticidade (KREAMER, 2007). Conforme a pesquisa aqui empreendida, essa tem sido a tônica da narrativa construída por grupos que vêm investindo no movimento social contemporâneo popularmente denominado revolução grisalha, especialmente presentes em diversos veículos de comunicação.

Revolução grisalha

A revolução grisalha consiste em um movimento social especialmente feminino, de escala internacional. Segundo Touraine (1998), movimento social é uma forma de resistência a um modelo de dominação social contra a qual se invocam valores e orientações gerais da sociedade. Sendo assim, os movimentos sociais lutam pela democratização das relações sociais. De acordo com Goss e Prudêncio (2004), a construção do sujeito como ator social só se concretiza como movimento social com a contestação da lógica da ordem. Ainda, segundo os autores, na sociedade contemporânea a resistência ao poder se apoia na defesa do sujeito. Os movimentos sociais de cunho identitário lutam pelo reconhecimento de suas particularidades e diferenças, ou seja, por questões particulares. Porém, o tipo de debate que eles provocam na sociedade acaba tocando em temas que afetam a estrutura social e a sua própria constituição.

Segundo Fialho e Miranda (2021), o fato de as mulheres assumirem os cabelos brancos nos dias de hoje é o reflexo do processo de conquista do poder social iniciado nas décadas de 1950 e 1960 do século XX. Para os autores, a industrialização acelerada no pós-segunda Guerra Mundial, a revolução cultural e a contracultura nos anos 60 europeias e estadunidenses proporcionaram uma mudança de comportamento social. Pereira (2016) entende a contracultura como um movimento social libertário que se contrapõe aos valores da sociedade ocidental. Neste diálogo, Fialho e Miranda (2021) identificam que a contracultura acabou por influenciar, por sua vez, o movimento feminista no Brasil; o qual passou a se organizar na luta contra opressões que aconteciam no âmbito privado das mulheres; fruto, em especial, do patriarcado (LERNER, 2019).



Na década de 1970, um outro movimento social emancipatório entendido como precursor da revolução grisalha trata-se dos Panteras Cinzentas (no original, Gray Panthers). Segundo a discussão proposta por Mendes *at al.* (2014), este movimento defendia uma nova atitude e cultura para superar a exclusão, o isolamento e o paternalismo pelos quais os idosos eram vítimas. A iniciativa, ainda, rejeitava os mitos e os estereótipos sobre o envelhecimento, em especial, de ordem idadista, uma forma de preconceito etário.

A partir do início do século XXI, observa-se o surgimento de sites e redes sociais que passam a reunir interessados em adotar os cabelos brancos e grisalhos, popularizando a iniciativa. Nessa direção, um exemplo internacional é o site Revolution gray (criado em 2006). Já no âmbito nacional, em 2016, é criada a rede social Grisalhas assumidas e em transição. Em ambos os cenários, os discursos organizam-se a partir das percepções de cansaço e submissão ao ritual regular de tingimento dos cabelos. Além disso, ainda é possível observar que esses canais de comunicação digitais estabelecem uma rede de conexão e apoio entre as participantes, fortalecendo e impulsionando o movimento revolução grisalha. Em 14 de agosto de 2017, a revista IstoÉ (2017) publica em seu site a reportagem intitulada: Revolução grisalha: adeus tinturas, cabelos brancos estão na moda.

A revisão narrativa sobre o tema aqui empreendida, que se debruçou sobre fontes mais recentes relacionadas ao movimento, indicou que mulheres de diversas idades apoiadoras da iniciativa relatam assumir os cabelos brancos e grisalhos em nome da defesa de uma noção mais naturalista do processo de envelhecimento. Nesta linha, Araújo (2019) debate que o cabelo branco não é exclusividade de mulheres mais velhas, pois há relatos de mulheres na faixa etária dos 20 anos ou até menos que experienciam o embranquecimento dos seus cabelos.

Segundo Miranda e Fialho (2017) e Fialho e Miranda (2021), a aceitação do embranquecimento dos cabelos sempre foi uma prática quase que exclusiva para os homens. Socialmente, entende-se que para os homens os cabelos grisalhos evocam um charme ligado à maturidade, experiência e segurança afetiva, tornando-os sexualmente atraentes. Entre os midiáticos da atualidade, há diversos homens de cabelos brancos e grisalhos que são tidos como símbolos sexuais. De acordo com a equipe de conteúdo do site Ferricelli (2017), alguns famosos são considerados mais atraentes com os cabelos grisalhos, como é o caso dos atores estadunidenses Richard



Gere e George Clooney, assim como o ator brasileiro Reynaldo Gianecchini. Já para as mulheres, segundo Fialho e Miranda (2021), os cabelos brancos e grisalhos são vistos como um sinal de desleixo, de uma velhice assexuada e desinteressante. D’Elboux (2016) e Barros (2021) questionam a disparidade da conotação dos cabelos brancos e grisalhos entre homens e mulheres em reportagens veiculadas em mídias online.

No Brasil, destacam-se, ainda, dois documentários sobre o movimento. O primeiro, intitulado Branco & Prata (2019), conta as “histórias de mulheres que decidiram parar de pintar seus cabelos para exibir a beleza dos fios brancos e prateados”³. O segundo denomina-se Grisalhas (2019): “um documentário etnográfico de curta-metragem sobre mulheres que decidiram assumir seus cabelos brancos. As entrevistadas narram suas motivações e o histórico desse processo criando uma reflexão sobre envelhecimento feminino, liberdade e padrões estéticos”⁴.

Nessa linha, na indústria cinematográfica da virada do século XXI, surgiram personagens icônicas de cabelos brancos e grisalho, como Meryl Streep no filme *O diabo veste Prada*, de 2006. A atriz interpretou uma editora de revista de moda que tinha cabelos brancos, conforme indica a Figura 1.

Figura 1: A atriz Meryl Streep interpretando a editora de moda Miranda Priestly com cabelos brancos no filme “O diabo veste Prada” (2006)



Fonte: Revista Vogue (2021).

³ Trecho que apresenta o documentário Branco & Prata no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>>. Acesso em: 09/09/2021.

⁴ Trecho que apresenta o documentário Grisalhas no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KWCnfQyK7gE>>. Acesso em: 10/09/2021.



Para Kreamer (2007), a personagem Miranda Priestly é a personificação do charme elegante e absolutamente anti-avó. Esta personagem vem romper com o padrão estereotipado construído socialmente a respeito da velhice para as mulheres. Para Hita (2005):

Na velhice da mulher sai de cena a imagem da mulher de formas perfeitas, corpo sensual ou símbolo sensual, evoca-se a figura da avó. Sem as possibilidades e atributos dessa mulher – real ou idealizada – à imagem da mulher velha é conotada a fragilidade, apatia, dependência, etc., típica dos estereótipos das avós (HITA, 2005, p. 110).

O fato da personagem Miranda Priestly ter os cabelos brancos, mas não constituir uma narrativa ou apresentar o estereótipo de fragilidade, apatia e dependência, fortalece o debate em torno dos símbolos associados à aparência da velhice feminina. Para Pereira (2019), as representações construídas socialmente sobre a mulher na velhice são repletas de estereótipos. Na contemporaneidade, tais estereótipos e significados a respeito do envelhecimento têm sido relativizados, especialmente por meio da educação informal, com maior vulto a protagonizada pelas diversas mídias, que ora se apresentam como palco para o debate, ora como fonte de inspiração e influência. Mediante este cenário, organizam-se perguntas para investigação: a onda crescente de ordem midiática vem estabelecendo novos estereótipos, padrões e exigências, igualmente aprisionadoras e repressoras, em relação à adoção dos cabelos brancos e grisalhos? Qual o papel e contribuições das diferentes mídias nos contornos do movimento e dos seus efeitos nas mentalidades em torno dessas novas práticas da construção da aparência no cotidiano?

Considerando “os sistemas de moda como sistemas comunicativos” (MARQUES, 2013, p. 128), a indústria da moda também tem demonstrado interesse em se aproximar do movimento, ao contratar modelos grisalhas para editoriais e desfiles. Em 2019, a cantora estadunidense Rihanna contratou a modelo de longos cabelos grisalhos Joani Johnson, de 67 anos, para compor o *casting* da campanha que lançou a sua grife de luxo chamada *Fenty*. Nessa direção, destaca-se que há diversas modelos nacionais e internacionais grisalhas que estão transitando com maior frequência na indústria da moda, como é o caso da francesa Yasmina Rossi (65 anos),



a americana Kristen McMenamy (56 anos) e a brasileira Rosa Saito (70 anos) (Figura 2).

Figura 2: A modelos grisalhas, da esquerda para a direita e de cima para baixo, Rosa Saito, Yasmina Rossi, Kristen McMenamy e Joani Johnson



Fonte: Painel organizado pelos autores (2022).

Campanhas publicitárias veiculadas em redes sociais de grandes marcas do segmento da moda nacional e internacional – como a Zara, Shoulder (Figura 3) e Renner – estão sendo produzidas com modelos grisalhas. Parece que o verbo assumir vem se estabelecendo em um duplo território interseccionado: das cabeças e do mercado em torno delas.



Figura 3: Campanha publicitária estrelada por modelo grisalha e veiculada no Instagram da marca Shoulder



Fonte: Instagram @rosa.saito (2021).

O fato de mulheres famosas adotarem publicamente em diversos veículos midiáticos os cabelos naturalmente embranquecidos parece formalizar e reiterar a construção do movimento da revolução grisalha nas relações e narrativas do cotidiano (CERTEAU, 1998; STECANELA, 2009). Nos Estados Unidos já se apresentaram com cabelos brancos e grisalhos as atrizes Jane Fonda, Jamie Lee Curtis e Salma Hayek. No Brasil, são também muitas as famosas que demonstraram aproximação ao movimento: Sandra Annenberg, Constanza Pascolato, Cássia Kiss, Fernanda Montenegro, Rita Lee e Vera Holtz. A Figura 4 apresenta alguns exemplos dessas grisalhas famosas.



Figura 4: As famosas, da esquerda para a direita e de cima para baixo, Sandra Annenberg, Constanza Pascolato, Jane Fonda e Vera Holtz, que optaram pela adoção dos cabelos brancos e grisalhos



Fonte: Painel organizado pelos autores (2022).

Com base nos exemplos citados anteriormente de famosas e celebridades adeptas ao movimento, questiona-se: qual o perfil socioeconômico e o biotipo das participantes? Trata-se de um movimento amplamente heterogêneo e democrático que, de fato, representa os diversos perfis de mulheres, especialmente entre as mais velhas? Nesta direção, tanto os discursos, quanto as imagens veiculadas em torno do movimento levantadas na presente pesquisa, denotam a representação de mulheres que imprimem poder, força, segurança e confiança na construção das aparências. No entanto, observou-se um biotipo majoritário e recorrente branco, alto e magro, para além do marcador comum, que são os cabelos brancos e grisalhos. Assim, questiona-se se a noção de liberdade, por meio da midiaticização do movimento, não vem privilegiando e constituindo novas expectativas em torno de tipos e *ethos* sociais já tradicionalmente saudados pela indústria da moda e dos cosméticos. Ainda, destaca-se, também, que boa parte dessas mulheres não está necessariamente na velhice.

No fluxo da constituição do movimento, observa-se os efeitos dos conteúdos midiáticos nos relatos presentes de mulheres anônimas obtidos no material virtual



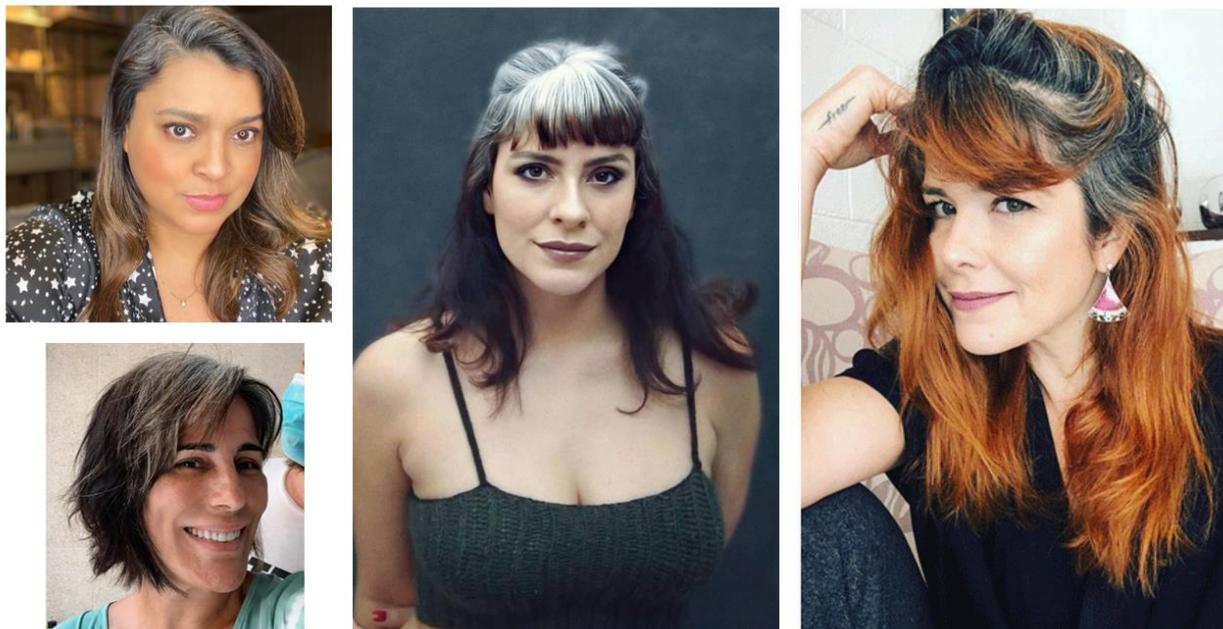
levantado. No documentário *Grisalhas*, por exemplo, uma das participantes afirma a importância de ter a referência de pessoas famosas que assumem os cabelos brancos como fonte de inspiração e autoridade, fortalecendo a coragem de igualmente assumir os fios brancos. Segundo a participante, com base na aparência do cabelo da famosa, ela sente que não está nem louca e nem sozinha, de que é possível gostar dos fios de cabelo branco e mantê-los. Percebe-se que esta referência se edifica principalmente nas relações entre pares, ou seja, com mulheres famosas que estão na mesma faixa etária que ela. Pertencimento, propósito, identificação e apropriação etária constituem a narrativa por meio da quase indulgência pública, representada pelo poder de subjetivação das famosas perante as anônimas. Famosas essas que representam biotipos normativos. Liberdade e midiaticização estabelecem uma relação ora de trocas ora de submissão a antigos estereótipos. Com a pandemia, essa tensão é reforçada.

Revolução grisalha e pandemia por Covid-19: a cena contemporânea

A pandemia da Covid-19, que se proliferou em escala mundial a partir do ano de 2020, seguida da reclusão social como medida de contenção da contaminação pelo coronavírus, aproximou as mulheres da adoção dos cabelos brancos, sejam pessoas comuns ou celebridades. Artistas brasileiras como Samara Felipe, Astrid Fontenelle, Ana Fonte, Glória Pires, Preta Gil e Renata Vasconcelos são exemplos de famosas que anunciaram publicamente a adoção dos fios brancos na pandemia. A Figura 5 apresenta as imagens de algumas das celebridades anteriormente citadas.



Figura 5: As famosas, de cima para baixo e da esquerda para a direita, Preta Gil, Glória Pires, Ana Fonte e Samara Felipo, que publicamente adotaram os fios de cabelo branco na pandemia



Fonte: Painel organizado pelos autores.

Segundo a jornalista Lillian Cunha, do site Uol⁵ (2021), o principal motivo para o aumento de mulheres optando pelos grisalhos na pandemia foi o período de quarentena. Na ocasião, os salões de beleza ficaram por mais de quatro meses fechados, impedindo as mulheres de tonalizarem seus cabelos por profissionais da área. De acordo com a pesquisadora Patrícia Catarina em entrevista a Bessas (2020), o período da quarentena serviu para que muitas mulheres buscassem satisfazer um desejo e curiosidade antigos de se perceberem com seus grisalhos naturais. Sendo assim, a pandemia pode ter sido apenas um pretexto ou incentivo para as mulheres finalmente deixarem seus cabelos naturalmente brancos e grisalhos. Uma espécie de trégua ou justificativa social de aceitação coletiva perante os diversos padrões de beleza a serem exercidos e estereótipos a serem vivenciados, sem a possibilidade de crítica.

⁵ Cunha, Lillian. Pandemia criou um novo tipo de consumidora: as grisalhas – saiba como a indústria reagiu. Portal UOL, 6 minutos, 2021. Disponível em: <https://6minutos.uol.com.br/economia/pandemia-criou-um-novo-tipo-de-consumidora-as-grisalhas-saiba-como-a-industria/>. Acesso em: 9 set. 2021.



Pesquisas devem ser feitas nessa direção, especialmente tendo em vista o atual arrefecimento da pandemia.

Algumas pistas de investigação científica surgiram do material levantado na presente revisão narrativa. Segundo Debora Maciqueira, gerente de marketing de produtos L’Oreal Professionnel, em reportagem de Cunha (2021), a empresa líder mundial de vendas de coloração perdeu 10% em vendas na divisão de produtos profissionais em 2020, que incluem as tinturas de salão, principalmente entre as mulheres. O ato de tingir os cabelos é uma prática fortemente feminina. Segundo Oliveira *et al* (2014, p. 1037), “no Brasil, um estudo do Target Group Index mostrou que 26% da população adulta utiliza tintura para o cabelo, das quais 85% são mulheres e 15% são homens”. A indústria de cosméticos e de tingimento no Brasil foi altamente representativa e lucrativa na primeira década do século XXI. De acordo com Neves (2016, p. 44-45),

O Brasil, ao lado dos Estados Unidos, está no topo da lista de maiores consumidores de colorantes capilar do planeta. Em 2010, o país ultrapassou pela primeira vez os Estados Unidos, tendo auferido R\$27,5 bilhões com vendas do produto, segundo pesquisa da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (Abihpec). Somos o maior mercado do mundo em tinturas, segundo a Associação.

Com a pandemia, esse mercado foi impactado, pois houve uma mudança no comportamento do consumidor. Como dito, a quarentena e o fechamento generalizado do comércio, indústria e serviços levaram as mulheres que tingiam o cabelo nos salões a dois novos caminhos: tingi-lo em casa ou, simplesmente, deixar de tonalizá-lo e adotar os fios brancos. Parece que uma parte deste grupo de mulheres que tingia os cabelos escolheu a segunda opção.

Para Maciqueira, em matéria de Bessas (2020), ainda não se sabe a reverberação em números da pandemia em relação à porcentagem de mulheres que estão assumindo os cabelos brancos e grisalhos. Os últimos estudos da empresa foram feitos em 2018 e foi constatado que apenas 5% das mulheres assumiam os cabelos brancos, concluindo que o grisalho representa apenas um nicho de mercado, mas em expansão, principalmente com a pandemia. Segundo dados divulgados por reportagem da Record TV Paulista (2020), 14,4% das mulheres com mais de 45 anos já adotaram o estilo e 67% gostariam de assumir os brancos. De fato, diversos dados e realidades de



investigação, que podem inspirar estudos originais que desfrutem das contribuições dos campos, entre outros, da comunicação, moda e gerontologia.

A repercussão da pandemia no trato dos cabelos das celebridades femininas foi constatada na premiação de cinema do Festival de Cannes de 2021. Segundo a jornalista Coates (2021), o cabelo grisalho foi tendência nesta edição do festival. Diversas celebridades, como Andie Macdowell, Jodie Foster e Helen Mirren (Figura 6), apareceram com seus fios de cabelo branco, pós quarenta.

Figura 6: As atrizes Helen Mirren, Andie Macdowell e Jodie Foster no Festival de Cannes, 20210



Fonte: Portal Veja Rio (2021).

Perante o cenário, se presume que a pandemia, em toda a sua dimensão, possa ter intensificado o movimento revolução grisalha. Ao dar maior visibilidade para seus propósitos, abriu-se para novas interpretações como, por exemplo, ser considerado até mesmo uma tendência de moda. Destaca-se que esta tendência não se restringe apenas às mulheres mais velhas.

Nessa direção, a revisão narrativa apontou ainda que a prática de valorização dos cabelos brancos está para além de apenas um reflexo da pandemia. Segundo Neves (2016, p. 46), há alguns anos a beleza dos cabelos brancos “vem sendo louvada por reportagens que veem neles uma tendência ou mais uma possibilidade de ‘estilo’: o



branco *fashion*”. O referido estilo é caracterizado pela adoção artificial dos cabelos pintados de branco ou cinza/grisalha por fashionistas e jovens celebridades, como Kelly Osborne, Pink, Lady Gaga e Rihanna (Figura 7).

Figura 7: As celebridades Kelly Osborne, Pink, Lady Gaga e Rihanna com seus cabelos artificialmente grisalhos



Fonte: Painel organizado pelos autores.

A *Paris Fashion Week* de janeiro de 2013 reforçou a tendência, ao exibir jovens modelos de cabelos tingidos de branco. A depender do momento e da condição histórica, observa-se que o próprio branco igualmente pode ser entendido como um tingimento nas relações do cotidiano. De acordo com Neves (2016), há o questionamento de que este poderia ser um indício que a moda estaria integrando sinais de envelhecimento aos padrões estéticos de beleza. Para Araújo (2019), pode-se pensar em uma nova significação para os cabelos brancos por meio da valorização e naturalização da cor e até mesmo do processo de envelhecimento.

No entanto, questiona-se: quais os possíveis usos comerciais dessas novas aparências a serem celebradas: seriam uma forma de diferenciação? Apenas gosto pessoal? Ou uma forma de promoção pessoal da carreira? No limite, trata-se, de fato, de uma revolução? Para Neves (2016, p. 46), “o cabelo branco *fashion* em cabeças jovens constituiria um artefato ‘de velho’ compondo um visual exclusivo e pitoresco”. Para a autora, o choque entre o novo, entendido socialmente como belo, e o velho, entendido socialmente como feio, produziria um efeito diferenciado de beleza. Outra



indagação a ser feita é: o movimento revolução grisalha tornou-se apenas uma tendência de moda midiática ou, de fato, vem oportunizando mudanças e escolhas no exercício dos diferentes perfis da condição feminina?

Com o aumento da veiculação do movimento revolução grisalha nas mídias e na indústria da moda, bem como a expansão do número de adeptas, percebe-se o surgimento e fortalecimento de um novo nicho de mercado voltado para os cabelos brancos. Na narrativa divulgada pelas mídias parece que não basta apenas adotar os fios brancos. Eles também devem ser cuidados e tratados. Porém, mesmo perante esse novo universo de possibilidades e o fim da pandemia, pairam novamente as inquietações sobre mudanças reais.

Mulheres grisalhas: indícios de um novo nicho de mercado

Para alcançar este segmento social, visto como um possível novo nicho de mercado e demanda, algumas marcas de cosméticos lançaram linhas de produtos específicos para os cabelos brancos. Observa-se que, aliada à adoção, nasce igualmente a narrativa publicitária do consumo visando cuidados voltados para a saúde e a beleza dos fios brancos. O foco é evitar o aspecto amarelado, entendido como indesejado, adjetivo interessantemente atribuído ao próprio branco até muito recentemente. Portanto, não basta adotar os cabelos brancos, em nome de libertar-se do tingimento constante. Outras práticas e camadas simbólicas, igualmente normatizadoras a seu tempo das aparências, parecem surgir ao redor do próprio movimento. Uma reflexão leva a questionar se o mesmo tom que envolve a bandeira do sentimento de liberdade no trato da aparência dos cabelos possa parecer ser, concomitantemente, refém da força de novos padrões e subsequentes estereótipos; os quais somos permanentes alvos e agentes, na condição de construtores de realidades formativas.

Nesse universo, ao analisarmos os materiais levantados, estes produtos específicos para os cabelos brancos passam a compor os anúncios presentes em comunidades do Facebook, perfis no Instagram e sites que incentivam e apoiam a Revolução Grisalha. Dentre elas, pode ser citada a iniciativa Grombre, que possui site e redes sociais ativas. Segundo o site oficial dessa comunidade⁶, o Grombre é definido como “um movimento global de mulheres que abraçam o cabelo natural, sem tintura”.

⁶ Disponível em: < <https://grombre.com/>>. Acesso em: 13/09/2021.



Iniciou por meio de uma conta no Instagram em 2016, criada por Martha Smith (Figura 8), que tinha 24 anos na época. Visando ajudá-la no seu processo de transição, acabou por se constituir em um estilo de vida para as mulheres que participam da rede. Conforme indicado na fonte, busca-se o rompimento dos padrões de beleza, a libertação e o empoderamento para viver plenamente e celebrar as diversas fases da vida.

Figura 8: Martha Smith, fundadora do Grombre



Fonte: Portal Grombre (2021).

De acordo com Araújo (2019), nesses espaços midiáticos as participantes postam suas fotos com os cabelos brancos e grisalhos, durante ou após a transição, discutindo os seus significados. Tais grupos acabam se tornando um espaço de registro de relatos e de interação, onde as mulheres reafirmam sua escolha e se motivam mutuamente frente aos desafios do cotidiano grisalho feminino. Ainda, segundo a autora, estabelecem uma relação de parceria e compreensão mútua, pois todas estão passando ou já passaram pelo mesmo processo de aceitação do entendido como signo/sinal do envelhecimento, transição da cor e adoção total dos cabelos brancos e grisalhos. Neste universo comunicacional, relacional, simbólico e formativo das redes



sociais, no entanto, pergunta-se: será que o que as une trata-se apenas do fato de serem mulheres e grisalhas?

Estudo realizado por Miranda e Fialho (2017) entrevistou um grupo de mulheres entre 20 e 80 anos que adotaram os cabelos brancos e grisalhos. As participantes da pesquisa disseram que se sentiam com a autoestima elevada em relação ao período em que tingiam o cabelo. A coragem de quebrar o tabu dos cabelos brancos e grisalhos, segundo as entrevistadas, trouxe uma nova visão sobre estar bem com a sua aparência física e uma maior abrangência da noção de beleza. Os relatos das entrevistadas destacaram um sentimento tão grande de liberdade, que resultou em um novo olhar sobre si mesmas, um olhar mais amplo. Narravam se sentir mais bonitas e com uma aparência mais coerente com a sua idade cronológica e etapa de vida. Perante a análise do material obtido pela revisão narrativa, observa-se que a necessidade de se sentir coerente com os significados de adequação etária não deixa, no entanto, de também indicar as múltiplas camadas de variáveis socioemocionais que se entrelaçam na constituição das expectativas em torno da condição feminina.

Araújo (2019, p. 139) entende que a sensação de liberdade com o fim do tingimento regular dos cabelos vincula a prática com a perspectiva de “escravidão, prisão”. Neves (2016, p. 58) segue na mesma direção: “a ‘escravidão’ aparece como uma associação ao ato de pintar: o trabalho, o tempo e a preocupação são perdas, incômodos”. O sentimento descrito ao parar de tingir os cabelos é o de “libertar-se de uma obrigação desconfortável para corresponder a um padrão de beleza imposto” (MIRANDA; FIALHO, 2017, p.5).

Seja como for, a condição sociocultural própria da construção histórica das aparências sensibiliza, por meio dos inúmeros exemplos aqui levantados, registrados e discutidos, a parceria de natureza heterogênea e dinâmica entre a manipulação orgânica e a simbólica da apresentação pessoal e coletiva. Nesta direção, entende-se que as mídias exercem um papel tensionador dessas performances sociais.

Considerações finais

O cabelo branco pode ser entendido como um dos sinais do processo de envelhecimento. Este processo ocorre de forma dinâmica, heterogênea e tem caráter biológico, psicológico, social e emocional. Constrói-se, para além da sua condição orgânica, igualmente por meio das interações sociais e culturais que experimentamos



ao longo da vida. Assim, o cabelo também passa por diversas transformações no percurso, tanto de ordem biológica como cultural. É um elemento da aparência, que constitui e comunica a identidade individual e coletiva.

Ao discutirmos a construção da aparência na contemporaneidade, questiona-se se as dificuldades que muitas mulheres encontram em conviver com as mudanças do envelhecimento não estejam relacionadas à ausência de uma estética da beleza que dialogue com o processo de envelhecer, em toda sua extensão e possibilidades, principalmente por meio do papel desempenhado pelas diversas mídias e indústria da moda. Os padrões de beleza instituídos às mulheres, os quais são socialmente construídos e que imperam na sociedade ocidental vigente, estão ainda muito ligados ao mito da eterna juventude, que valoriza o corpo jovem, esbelto e firme. Sendo assim, assumir qualquer sinal de envelhecimento que destoe dessa dinâmica discursiva, estética e imaginária congelada no tempo torna as mulheres, portanto, distantes do ideal de beleza juvenil. Os reflexos negativos são diversos, tanto para elas, como as sociedades como um todo.

Apresentando-se na contramão da beleza estereotipada e normativa, surge o movimento revolução grisalha, de caráter internacional. Nele, mulheres de diversas idades narram que estão adotando e assumindo os cabelos brancos e grisalhos, em nome da defesa de uma noção libertária e naturalista do processo de envelhecimento humano. Tal movimento vem ganhando força desde o início do século XXI, principalmente com a criação de sites e grupos de apoio em redes sociais, marcando o cotidiano identitário de diversas mulheres, em especial. Mais recentemente, vêm sendo divulgados e difundidos em diversas mídias (por exemplo, reportagens televisivas, revistas, documentários, publicidade, etc.) livros, indústria da moda e correlatos, como a indústria dos cosméticos. O alcance da iniciativa tem se tornado, nas narrativas de algumas mídias, uma tendência de moda e um ato de estilo, especialmente por também se tratar de uma prática artificialmente produzida por jovens fashionistas.

Observa-se um aumento no número de adeptas ao movimento, tanto entre as famosas, quanto entre as anônimas. Tal fato se intensificou com a pandemia causada pela Covid-19 a partir de 2020 e as decorrentes ações de isolamento visando conter a transmissão por coronavírus. Neste cenário, com a possível expansão do número de adeptas e a veiculação do movimento revolução grisalha nas mídias e nas redes sociais, percebe-se o surgimento de um novo nicho de mercado, voltado para o tratamento dos



cabelos brancos e grisalhos, criando novos desejos e necessidades de consumo a mulheres que tinham a intenção de libertarem-se.

O movimento revolução grisalha propõe romper com padrões estéticos entendidos como impostos socialmente, ressaltando narrativas e sentimentos de libertação da chamada escravidão da beleza idealizada, associada ao continuado processo de tingimento dos cabelos. Conforme as fontes consultadas, adotar os cabelos brancos representa libertar-se de um processo de tingimento desconfortável e oneroso. Igualmente, se desvencilhar de um padrão de beleza restritivo e aprisionador, que não abrange a heterogeneidade do envelhecimento, visto aqui de uma forma naturalizada.

Tal fenômeno promoveu um fluxo midiático intenso, que pode ter sugerido a adoção dos fios brancos e grisalhos, naturais ou artificiais, como uma tendência de moda. Por um lado, o discurso das adeptas é de libertação de estereótipos e padrões de beleza impostos socialmente. Porém, por outro lado, observou-se que a maioria das mulheres que adotam os fios prateados e brancos representados nas diversas mídias não fogem do estereótipo normativo simbolizado por mulheres brancas, altas, jovens, magras e poderosas.

A presente revisão narrativa tratou-se de uma primeira aproximação e documentação do movimento. Observou-se, neste sentido, a necessidade de aprofundamento do tema e produção de dados mais robustos. Para isso, a pesquisa constituiu um conjunto de questionamento e reflexões buscando contribuir para a edificação de novos desenhos de pesquisa.

Referências

ARAÚJO, Denise C. de. A revolução grisalha: mulheres (re)sematizando signos do envelhecimento. **Revista Dobras**, n. 12, v. 25, p. 130-143, abr. 2019.

DIB, Claudio Z. **Formal, non-formal and informal education: concepts/applicability**. Cooperative Networks in Physics Education – Conference Proceedings 173, American Institute of Physics, p. 300-315, 1988.

BARROS, Ludmila. Cabelos Grisalhos. **Facha em todo lugar**, 18 ago. 2021. Disponível em: <<https://emtodolugar.facha.edu.br/2021/08/18/cabelos-grisalhos/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BESSAS, Alex. 'Grito de liberdade': mais mulheres estão assumindo cabelos brancos. **O tempo**, 17 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/interessa/grito-de->



liberdade-mais-mulheres-estao-assumindo-cabelos-brancos-1.2350022>. Acesso em 10 set. 2021.

BRANCO & Prata. Direção: Humberto Bassanelli e José Carlos Lage. Produção IMG Content. Brasil, 2019. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DHoQq9ESvss>>. Acesso em: 9 set. 2021.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COATES, Hannah. Cabelo grisalho é tendência no Festival de Cannes 2021. **Vogue**, 8 de jul. 2021. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/sua-idade/noticia/2021/07/mulheres-poderosas-assumem-os-fios-brancos-no-festival-de-cannes.html>>. Acesso em: 8 set. 2021.

CUNHA, Lílian. Pandemia criou um novo tipo de consumidora: as grisalhas – saiba como a indústria reagiu. **Uol**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/18045_pandemia-criou-um-novo-tipo-de-consumidora-as-grisalhas-saiba-como-a-industria-reagiu.html>. Acesso em: 9 set. 2021.

D'ELBOUX, Yannik. Por que cabelo branco é charmoso para homem e desleixo para mulher? **Uol**, 19 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2016/05/19/por-que-cabelo-branco-e-charmoso-para-homem-e-desleixo-para-mulher.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

7 FAMOSOS que ficaram mais atraentes com cabelos grisalhos. **Ferricelli**, 14 jul. 2017. Disponível em: <<https://blog.ferricelli.com.br/7-famosos-que-ficaram-mais-atraentes-com-cabelos-grisalhos/>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FIALHO, Carlos; MIRANDA, Tatiana. **Grisalhas: identidade e liberdade feminina**. São Paulo: Barn Editorial, 2021.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. In: MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANO, Luísa & BRITO, Fatima (orgs.). **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil**, p. 171-183. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOSS, Karine P.; PRUDENCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 75-91, jan.-jul. 2004.

GRISALHAS. Direção: Carlos Fialho e Tatiana Miranda. Produção: F2M Pesquisa e Imagem. Brasil, 2019. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KWCnfQyK7gE>>. Acesso em: 10 set. 2021.

HITA, Maria G. Geração, raça e gênero em casas matriarcais. In: MOTTA, Alda B. da; AZEVEDO, Eulália L.; GOMES, Márcio Q. de C. (orgs.). **Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional**. Coleção Bahianas. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2005.

KREAMER, Anne. **Meus cabelos estão ficando brancos, mas eu me senti cada vez mais poderosa**. São Paulo: Globo, 2007.



LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean (2015). **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARQUES, Camila. Moda, comunicação e sociedade: uma reflexão acerca dos sistemas de moda e suas possibilidades comunicacionais e contraculturais. **Revista ModaPalavra**. v. 6, n. 11, p. 127-140, jul.-dez. 2013.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, p. 401-422, 1934.

MENDES, Felismina *et al.* **As representações sociais do envelhecimento ativo de idosos e profissionais**. Évora: Martinari, 2014.

MIRANDA, Tatiana; FIALHO, Carlos E. Grisalhas: um estudo sobre cabelo, liberdade feminina e “política-vida”. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress. **Anais**, Florianópolis, 2017.

MOURA, Juliana M. de. **Raízes da beleza**: cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo. 2007. TCC (Graduação em Comunicação Social com habilidade em Publicidade e Propaganda), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2007.

MULHERES assumem fios brancos cada vez mais jovens. **Record TV Paulista**, 14 out. 2020. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=LL0l18Kju0c_>. Acesso em 10 set. 2021.

NERI, Anita. L. **Palavras-chave em Gerontologia**. Campinas: Alínea, 2008.

NEVES, Diana F. das. Mulheres de cabelos brancos: reflexões sobre desvio e padrões de feminilidade. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Velho é lindo!** 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 39-78, 2016.

NEVES, Rosiane. Novas perspectivas: moda e envelhecimento. **Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura**, v. 2, n. 2, p. 99-112, 2020.

OLIVEIRA, Ricardo A. G. de *et al.* A química dos corantes de cabelo. **Revista Química Nova**, v. 37, n. 6, p. 1037-1046, 2014.

PEREIRA, Carolina M. Os jovens e a contracultura brasileira. **Revista Iara**, v. 8, n. 2, p. 17-28, jan. 2016.

PEREIRA, Nilza A. C. **Representações sociais sobre o envelhecimento do gênero feminino em revista de circulação nacional**. VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. Campina Grande, Paraíba, 2019.

QUINTÃO, Adriana M. P. **O que ela tem na cabeça?** : um estudo sobre o cabelo como *performance* identitária. 2013. Dissertação (mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.



REVOLUÇÃO grisalha: adeus tinturas, cabelos brancos estão na moda. **IstoÉ**, 14 ago. de 2017. Disponível em: <<https://istoe.com.br/revolucao-grisalha-adeus-tinturas-cabelos-brancos-estao-na-moda/>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROTHER, Edna T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paul Enfermagem-Editorial**, v. 20, n. 2, 2017.

SALINETE, Allana. **A mulher idosa no contexto da institucionalização**: autoimagem, autoestima, beleza e cuidado na velhice. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano). Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2018.

STECANELA, Nilda. O cotidiano como fonte de pesquisa nas ciências sociais. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 1, p. 63-75, jan. / mai. 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 2003.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. As mídias como agentes de educação informal no envelhecimento: pistas para investigação. **Revista Mídia e Cotidiano**, n. 3, v. 12, p. 293-311, dez. 2018.

YOKOMIZO, Patrícia; LOPES, Andrea. Aspectos socioculturais da construção da aparência no envelhecimento feminino: uma revisão narrativa. **Revista Kairós**, v. 22, n. 26, p. 285-317, 2019.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.